

2º Projeto de ASA - Relatório

Introdução

Os objetos do problema podem ser representados numa linguagem de programação como nós e arestas, sendo os fornecedores, as estações e o hipermercado representados como nós e os transportes como arcos. Podemos modelar o problema usando o conceito de rede de fluxos e, assim, utilizar algoritmos de cálculo de fluxos máximos para determinar a **capacidade máxima**, bem como **as estações de abastecimento e as ligações que devem ser aumentadas**.

Escolhemos implementar a nossa solução na linguagem C++.

Descrição da solução

Excetuando as operações de *input/output*, a nossa solução divide-se em 3 partes:

- Criação de uma rede de fluxos para representar a rede de fornecimento;
- Percorrer a rede de fluxo, utilizando a nossa implementação do algoritmo **FIFO Push-Relabel**, para calcular a sua capacidade máxima;
- Realização de uma pesquisa DFS sobre a rede residual, começando no hipermercado, para descobrir os elementos da rede a aumentar.

O programa começa por ler os *inputs* pedidos e guardar os valores lidos em variáveis e estruturas auxiliares, que serão usadas na construção da rede. Em particular, criámos uma estrutura **InputEdge**, que serve apenas para ler os *inputs* das arestas (origem, destino e capacidade).

É depois chamada a função **makeGraph**, que constrói a rede de fluxos. A rede é constituída por:

- nós (**struct Node**) que contêm um identificador (**num**), uma lista de arestas adjacentes (**adj**), o excesso de fluxo (**e**), a altura (**h**), e um booleano (**visited**) que é usado na DFS;
- arestas (**struct Edge**), que contêm referências para os nós origem e destino (**src**, **dst**), e os fluxos e capacidades em ambos os sentidos (**f**, **c**, **f_rev** e **c_rev**).

Sempre que uma aresta é adicionada (função **addEdge**), é colocada uma referência para a mesma na lista de adjacências de ambos os nós envolvidos. A construção é feita da seguinte forma:

- É criado um nó **0**, e são adicionadas arestas (**0, F**), com capacidades iguais às de cada fornecedor **F**;
- Cada estação de abastecimento **E** é convertida em dois nós, o nó **E**, e o nó **E + e** (onde **e** é o nº de estações de abastecimento);
- Para cada estação de abastecimento **E**, é adicionada uma aresta (**E, E + e**) com capacidade igual à da estação **E** (dada no input);
- As arestas do input (**struct InputEdge**) são ordenadas de forma a que arestas simétricas (ex.: (3, 5) e (5, 3)) fiquem em posições consecutivas;
- As arestas são finalmente adicionadas à rede, com o cuidado que, caso duas arestas consecutivas sejam simétricas, são juntas numa única **struct Edge**. Para além disso, arestas com origem em **E** são convertidas para arestas com origem em **E + e** antes de ser adicionadas.

Depois da criação da rede, é chamada a função principal, **fifoPushRelabel**. O algoritmo inerente a esta função consiste num **Push-Relabel** genérico, no qual o processo de seleção de nós a descarregar baseia-se numa fila de prioridades (**FIFO**).

Primeiro, as alturas dos nós e os fluxos da origem para os fornecedores são inicializados na função **initializePreflow**, e os fornecedores são adicionados à **FIFO**. Depois, repetidamente, é removido o 1º nó da **FIFO** e é chamada sobre ele a função **discharge**, que empurra (**push**) o excesso de fluxo num nó para os seus vizinhos até ficar sem excesso, chamando a função **relabel** se a sua altura for inferior ou igual à de todos os seus vizinhos. Sempre que um nó sem excesso recebe fluxo, é adicionado ao fim da **FIFO**. O algoritmo termina quando a **FIFO** estiver vazia.

É depois chamada a função **DFSVisit**, que percorre, marcando como **visited**, todos os nós acessíveis da rede residual (transposta), começando pelo Hipermercado. Isto implica que o corte $\{S, V \setminus S\}$, em que $S = \{u: u \text{ não foi visitado}\}$, é o corte mínimo mais próximo do Hipermercado.

É depois criado um vetor de arestas do corte, ou seja $\{(u, v): \text{apenas } u \text{ ou apenas } v \text{ foi visitado}\}$, através da função **getCutEdges**. Deste modo, é então possível calcular os outputs:

- **fluxo máximo**: somar os fluxos das arestas com origem em 0;
- **postos a aumentar**: arestas do corte com **src** entre $(f + 2)$ e $(e + f + 1)$;
- **meios de transporte a aumentar**: arestas do corte que saem de fornecedores $(2 \leq \text{src} \leq (f + 1))$, ou de postos de abastecimento $(\text{src} \geq (e + f + 2))$.

Análise Teórica

O número de nós **N (struct Node)** é dado por $f + 2 \times e + 2$. O número de arestas **M (struct Edge)**, no pior caso (não havendo arestas simétricas no *input*), é dado por $f +$

e + t. Vamos então determinar a complexidade da nossa solução em função de **N** e **M**, usando a notação assintótica.

A leitura do *input* tem complexidade temporal $O(M)$, pois consiste na leitura de três valores singulares, **f** fornecedores, **e** estações e **t** arestas. A apresentação do *output* tem também complexidade $O(M)$ pois, como as arestas de corte incluem as estações e os transportes, no máximo haverá **M** (estações + transportes) a imprimir.

Quanto à criação da rede, a criação da estrutura que guarda os nós demora tempo $O(N)$ e a adição dos fornecedores, estações e transportes em conjunto demoram tempo $O(M)$ ($\leq O(N^2)$), pois, como vimos anteriormente, $M \leq f + e + t$. A ordenação das arestas demora $O(M \times \log M) \leq O(N^2 \times \log N^2) = O(2 \times N^2 \times \log N) = O(N^2 \times \log N)$. Logo, o tempo total é $O(N + N^2 + N^2 \times \log N) = O(N^2 \times \log N)$.

A função **fifoPushRelabel** começa por chamar a função **initializePreflow** que, como percorre todos os nós, arestas, e as adjacências da **src**, tem complexidade temporal $O(N + M)$ ($\leq O(N^2)$). Para analisar a complexidade do ciclo principal, vamos determinar um limite superior para a complexidade das operações **relabel** e **push** (saturante e não-saturante):

- **Relabels**: Como se verifica sempre que $h[u] \leq 2 \times N - 1$, cada nó pode chamar a função **relabel** $O(N)$ vezes, logo, o nº de **relabels** é $O(N^2)$. A complexidade de um **relabel** é $O(N)$, logo, a complexidade total é $O(N^3)$.
- **Pushes saturantes**: Quando um **push** saturante é executado sobre uma aresta **(u, v)**, só poderá ser executado sobre a aresta **(v, u)** quando $h[v]$ aumentar pelo menos **2** unidades, e isto só pode ocorrer $O(N)$ vezes (pelo mesmo argumento usado para a operação **relabel**). Logo, o nº total de **pushes** saturantes é $O(NM) \leq O(N^3)$, bem como a sua complexidade, pois um **push** tem duração constante.
- **Pushes não-saturantes**: Designe-se por **passagem 1**, a sequência de nós que estão no **FIFO** após chamar a função **initializePreflow** e, recursivamente, por **passagem n + 1**, os novos nós que surgiram na **FIFO** após realizar **discharge** sobre todos os nós da **passagem n**. Seja $H = \max\{h[u] : u \text{ está na FIFO}\}$. Se entre 2 passagens, o valor de **H** aumentar ou se mantiver, tem de ter havido pelo menos uma operação **relabel**, porque o nó da passagem atual cuja altura é **H** tem de ter recebido fluxo de um nó de altura superior a **H** (que não existia na passagem anterior). Como o nº de **relabels** é $O(N^2)$, o nº de **passagens** em que **H** aumenta ou se mantém é também $O(N^2)$. Como **H** começa a **0** e é sempre não-negativo, o nº de **passagens** em que **H** diminui é também $O(N^2)$. Logo o nº total de **passagens** é $O(N^2)$. Como cada **passagem** tem no máximo **N - 2** nós e cada nó apenas pode realizar no máximo um **push** não-saturante por chamada da função **discharge** (o último que realizar), o nº total de **pushes** não-saturantes, bem como a sua complexidade total, é $O(N^3)$.

Assim, conclui-se que a função **fifoPushRelabel** tem complexidade $O(N^3)$. Finalmente, a DFS que determina o corte mínimo tem tempo $O(N + M) \leq O(N^2)$. Em suma, a complexidade temporal do programa é $O(N^3)$.

Em termos espaciais, o nosso programa guarda N nós e M arestas, ocupando espaço $O(N + M)$. Mas como numa rede de fluxo $M \geq N - 1$, a complexidade destes dois componentes é $O(M)$. Para além disto, cada nó tem uma lista de referências para arestas adjacentes. A soma dos comprimentos de todas as listas de adjacências é $2 * M$, pois cada aresta é adjacente a dois nós. Logo, a complexidade destas listas é também $O(M)$, coincidindo assim com a complexidade espacial total.

Avaliação experimental

Apresentamos aqui os resultados da avaliação da duração da execução e da memória utilizada pelo nosso programa com 50 *inputs* de $100 \times k$ nós e $770 + 800 \times (k - 1)$ arcos (com $1 \leq k \leq 50$). Para cada um dos 50 *inputs*, realizámos 50 testes para calcular o tempo de execução, calculando a sua média, e um teste para calcular a memória utilizada pelo programa.

Fig 1 - Tempo de execução em função do número de nós (N)

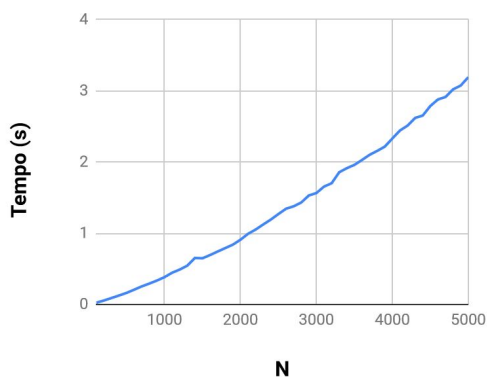
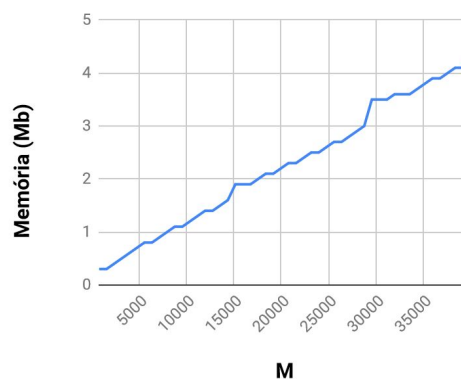


Fig 2 - Memória utilizada em função do número de arestas (M)



Os resultados experimentais apoiam a nossa análise teórica, visto que o gráfico da complexidade temporal é aproximadamente linear em N ($O(N) \leq O(N^3)$) e o da complexidade espacial é linear com M , coincidindo com o limite superior determinado.

Referências:

[Introduction to Algorithms, Third Edition](#)

<https://www.cs.princeton.edu/courses/archive/fall03/cs528/handouts/a%20new%20approach.pdf>